

Comunicação Pública e a Morte de Abelhas por Agrotóxicos¹

Andrea Fernanda Lyvio Vilar do

Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre/RS. Embrapa Soja, Londrina/PR.

Karla Maria Müller

Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre/RS

Resumo

O texto aborda o tema sobre a morte de abelhas por agrotóxicos sob a perspectiva da comunicação pública, com base teórica em autores como Weber (2017), Esteves (2005), Escudero (2015), Gomes e Maia (2008), entre outros, e com revisão bibliográfica em conceitos e discussões acerca da esfera pública, públicos e opinião pública. Em 2019, devido ao uso inadequado de agrotóxicos, o país enfrentou mortandade de colmeias em vários estados. A diminuição das espécies de abelhas impacta o ecossistema e a produção agrícola. Por isso, o tema tornou-se de interesse público e gerou debate na sociedade, repercutindo em veículos de comunicação com alcance nacional. Portanto, a análise tem como foco notícias sobre a morte de abelhas por agrotóxicos veiculadas em sites de jornais e revista no ano de 2019, a fim de buscar identificar quais são os atores acionados e quais as perspectivas abordadas.

Palavras-chave: comunicação pública; morte de abelhas; agrotóxico; mídia; agropecuária.

1 Apresentação

A sociedade brasileira e em especial o cenário político do Brasil passam por um momento de intenso debate sobre os mais variados temas como educação, meio ambiente, pautas relacionadas a gênero e raça, corrupção, questões econômicas entre tantas outras temáticas que ganham repercussão na esfera pública, seja por meio dos veículos de comunicação ou nas redes sociais digitais. Alguns debates se concentram em determinados grupos, outros ganham notoriedade mais ampla e chegam aos espaços de discussão nas ruas.

Temas relacionados à agropecuária também se destacam nos debates públicos, como o plantio de soja safrinha, a entrada dos transgênicos no país, a emissão de gases de efeito estufa pelo setor etc. Mais recentemente, o debate sobre a liberação de agrotóxicos no Brasil e a morte de abelhas também repercutiram na sociedade. Sobre este último, o país tem enfrentado mortandade de colmeias em vários estados e a diminuição das espécies de abelhas impactam não somente a agricultura, como também o meio ambiente e a economia. Este tema ganhou destaque nacional em 2019 em importantes veículos de comunicação.

¹ Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho (GT) Relações Públicas, política e sociedade, atividade integrante do XIV Congresso Brasileiro Científico de Comunicação Organizacional e de Relações Públicas.

Estes debates afetam as instituições públicas que, de forma direta ou indireta, participam da discussão, seja por serem atores centrais da controvérsia, por serem convocadas a se posicionarem ou esclarecerem a questão. A proposta deste texto é refletir acerca da morte de abelhas por agrotóxicos, a partir da análise da cobertura da mídia sobre o caso. Assim, a questão fundante que trazemos é a seguinte: quais são os atores acionados e quais as perspectivas sobre o caso da morte de abelhas por agrotóxicos?

Para responder à questão, metodologicamente, nos apoiaremos em técnicas de análise de conteúdo para examinar as matérias divulgadas pela imprensa. O procedimento está dividido em duas etapas, sendo a primeira a pesquisa e seleção das notícias divulgadas em 2019 sobre a morte de abelhas por agrotóxicos, para então realizar uma análise de conteúdo do material. Foram selecionadas treze matérias, que abordaram direta ou indiretamente o tema, publicadas em sites dos jornais Folha de São Paulo, O Globo, O Estado de São Paulo e Zero Hora; e das revistas Época, Carta Capital e Exame. A reflexão trará a perspectiva da comunicação pública. Por isso, antes de discutirmos o caso, faremos uma breve revisão bibliográfica em conceitos e discussões acerca da esfera pública, públicos e opinião pública, que consideramos como componentes essenciais em uma abordagem sobre comunicação pública. Para tanto, serão contempladas as visões de Weber, Esteves, Escudero, Gomes e Maia, entre outros.

2 Comunicação Pública

A comunicação pública pode ser pensada por diferentes perspectivas, sendo compreendida de maneira simplificadora como os processos de comunicação realizados por instituições públicas, às vezes confundida com comunicação governamental. No entanto, “as ações estatais, por exemplo, não necessariamente geram produtos comunicacionais dirigidos ao debate público” (WEBER, 2017, p. 25). Entendemos, então, a comunicação pública de maneira mais abrangente, considerando seu foco no interesse público e em sua contribuição para formar uma sociedade mais cidadã e democrática, sendo praticada por instituições do Estado, governo, terceiro setor ou mesmo pela sociedade civil organizada. De forma mais concreta, compreendemos a comunicação pública como o debate público em torno de um tema de interesse público, com potencial para gerar algum tipo de produção ou produto comunicacional. O Glossário de Comunicação Pública (2006) reforça a definição de Matos, que considera comunicação pública como:

processo de comunicação instaurado em uma esfera pública que engloba Estado, governo e sociedade, um espaço de debate, negociação e tomada de decisões relativas à vida pública do país'. A autora relaciona Comunicação Pública com democracia e cidadania e pensa a Comunicação Pública 'como um campo de negociação pública, onde medidas de interesse coletivo são debatidas e encontram uma decisão democraticamente legítima (DUARTE e VERAS, 2006, p. 26).

Independente do conceito assumido, podemos considerar que tudo o que compete à comunicação pública assume um grau de complexidade. Trabalhar com temas de interesse público e que geram debate é por vezes delicado e exige criticidade e necessidade de posicionamento por parte de quem os pratica. Weber considera a comunicação pública "como instância do debate público capaz de mobilizar a comunicação institucional do estado (os três poderes e instituições), a comunicação mediática (mídias de massa, mídias alternativas) e a comunicação da sociedade (sociedade organizada, grupos e públicos), nas democracias contemporâneas" (2017, p. 23). A comunicação mediática, ou seja, a praticada por mídias de massa, alternativas e imprensa, ao ser considerada plural e "sem lados", pode ser mediadora de debates. No entanto, para além da comunicação massiva, Maia (2008) considera que a conversação cotidiana é fundamental para a democracia, já que é por meio das conversas que são configurados tópicos e valores que podem ser defendidos na esfera pública, preparando o cidadão para se engajar em torno de um tema de interesse público. Portanto, "existem diferentes tipos de debates públicos acionados por temas, ações, acontecimentos e políticas que atingem o interesse público e exigem posicionamento do Estado" (WEBER, 2017, p. 24). Weber entende a constituição da comunicação pública em três dimensões: normativa, fática e crítica.

Na dimensão normativa é realizada através dos princípios republicanos. A comunicação que produz a visibilidade do Estado e da sociedade é pensada a partir da ética da política, da resistência e da vigilância da democracia; através do investimento na cidadania e na emancipação social. A dimensão fática é definida pelas ações e a visibilidade próprias da publicidade provocada pelos projetos políticos, políticas públicas, *accountability* que mostram os processos de governabilidade em execução. [...] A dimensão crítica é marcada pela reação e contribuição dos públicos e instituições ao debate público. [...] A questão central sempre é o interesse público ampliado em benefício da cidadania ou reduzido a interesses privados (WEBER, 2017, p. 38).

Consideramos, então, que trabalhar com um tema de interesse público, é trabalhar com um bem maior. Nesse sentido, a partir do conceito de esfera pública habermasiana, Weber defende "a comunicação pública como um debate público, acionado por temas de interesse público provocados a partir dos poderes da República, de instituições, sistemas de mídia ou redes de comunicação capazes de gerar disputa de opiniões" (WEBER, 2017, p. 29), ou seja,

assuntos que envolvem e/ou atingem todos os seguimentos da sociedade fazendo com que surjam diversas e diferentes manifestações.

2.1 A Esfera Pública, o Público e a Opinião Pública

A esfera pública existe porque as pessoas precisam se comunicar sobre temas sensíveis e importantes. Portanto, é entendida como o espaço no qual assuntos públicos são discutidos por diversos atores da sociedade, resultando na formação da opinião pública. Gomes considera que “os problemas que chegam à esfera pública, são amplificados pela comunicação pública” (2008, p. 86). O autor destaca que a esfera pública é um espaço para relações discursivas e que deve ser considerada como uma “esfera de mediação entre o Estado e a sociedade civil, entre o poder público e a esfera privada” (GOMES, 2008, p. 44). Sendo assim, a esfera pública é parte de uma engrenagem social e se constitui em determinados ambientes, a partir de temas de interesse público. Por isso, traz um agir comunicacional.

A esfera pública não apenas captura os problemas, ela amplifica a pressão desses problemas na sociedade, pois é capaz de tematizá-los e dotá-los de possíveis soluções (GOMES, 2008). A comunicação possibilita o debate, o que dá força ao espaço público. No entanto, Esteves (2005) lembra que a problemática da comunicação na sociedade não se esgota em questões relativas ao espaço público e à opinião pública. Nesse sentido, Escudero traz uma reflexão sobre a nova esfera pública, considerando-a atrelada à cidadania, sendo uma de suas funções “fazer ressoar, na sociedade, questões relativas ao mundo da vida-social, discutidas por públicos informados e organizados coletivamente” (ESCUADERO, 2015, p. 56). Para a autora:

O cidadão social emancipado participa ativamente tanto da relação vertical, entre ele e o Estado, quanto da relação horizontal, entre os cidadãos na esfera pública. A comunicação pública é o atributo presente nessas relações e, quanto mais democráticas estas são, mais se aproximam dos princípios genuínos tanto da comunicação pública como da cidadania (ESCUADERO, 2015, p. 56).

Mas a transformação de qualquer tipo de grupo em públicos é por uma necessidade de sociabilidade, o que pode conferir-lhes um relevo sociológico mais amplo (ESTEVES, 2005). Assim, constituindo os públicos, em situações específicas, “como verdadeiros agentes sociais: a modalidade de ação que lhes está associada dota os públicos de um poder de influência superior” (ESTEVES, 2005, p. 151). Esteves ainda reforça que é importante uma similaridade de pensamentos e ideias para os públicos, o que se realiza por meio da troca comunicacional que estabelecem entre si. Esta dinâmica serve como “protótipo” da comunicação pública, uma vez que os públicos constituem o “gérmen” do espaço público e da opinião pública.

Ao refletir sobre o conceito de público, Esteves (2005) faz referência a Blumer, que considera o público como um grupo de pessoas que estão envolvidas com uma determinada questão, com posições divergentes e que discutem a respeito do problema. Assim, quando um tema entra em debate na esfera pública, entra em disputa e, por isso, não se tem unanimidade a respeito. Para o autor, “outro elemento essencial à dinâmica comunicacional dos públicos é a opinião” (ESTEVES, 2005, p. 154). A opinião pública tornou-se uma forma de representação nas sociedades contemporâneas e tem sido transformada pela expansão dos meios de comunicação. Hardt e Negri refletem sobre o conceito:

[...] a opinião pública não é uma voz unifica ou um ponto médio de equilíbrio social. [...] A opinião pública não é uma forma de representação ou sequer um substituto moderno, técnico e estatístico da representação. Em vez de sujeito democrático, a opinião pública é um campo de conflito definido por relações de poder nas quais podemos e devemos intervir politicamente, através da comunicação, da produção cultural e de todas as outras formas de produção biopolítica. Esse campo de atuação da opinião pública não é um campo de atuação equânime, e sim radicalmente assimétrico, pois a mídia é basicamente controlada por grandes corporações (2005, p. 332).

O âmbito da esfera pública, dos públicos e da opinião pública é uma das perspectivas de análise da comunicação pública, que pode ser identificada pela intensidade das vozes e manifestações dos públicos organizados em rede (WEBER, 2017). Em 2019, a morte de abelhas por agrotóxicos ganhou notoriedade, tornando-se um tema de interesse público, passível de debate na esfera pública. O caso ocupou importantes espaços na mídia e acionou diversos públicos. Consideramos, então, como sendo uma questão para análise da comunicação pública.

3 A Morte de Abelhas por Agrotóxicos

As abelhas realizam uma importante atividade: a polinização. Ao buscarem pólen e néctar, as abelhas contribuem para este processo e se tornam indispensáveis à produção de sementes e frutos de um terço das principais culturas. Para o agricultor se beneficiar do trabalho das abelhas é preciso que adote práticas que favoreçam sua conservação (EMBRAPA, 2020).

A polinização realizada pelas abelhas não é somente uma função crítica nos ecossistemas, mas também essencial a uma gama de culturas ao redor do mundo. Por causa da ocupação intensa do ambiente pelo homem e as consequências das atividades humanas, as abelhas são um grupo muito susceptível à perda de seus habitats, por exigirem uma grande área florestada e por estarem sujeitas à ação de agrotóxicos em áreas agrícolas próximas a seus habitats (NOCELI, 2012, p. 196).

Apesar do importante serviço prestado, em 2019 cerca de 500 milhões de abelhas morreram em quatro estados brasileiros: 400 milhões no Rio Grande do Sul, 7 milhões em São Paulo, 50 milhões em Santa Catarina e 45 milhões em Mato Grosso do Sul, segundo estimativa de associações de apicultura, secretarias de agricultura e pesquisas de universidades. As mortes ocorreram principalmente entre outubro de 2018 e março de 2019. A causa é o contato do inseto com agrotóxicos à base de neonicotinoides e de Fipronil, que possuem ingredientes letais para as abelhas. São usados em diferentes culturas, como no algodão, milho, soja, arroz e batata. O aumento na liberação de agrotóxicos em 2019, reforçou o debate e a preocupação por parte de apicultores (EXAME, 2019). Devido a este fato, o tema tornou-se de interesse público e gerou debate na sociedade, repercutindo em veículos de comunicação com alcance nacional, como fica evidenciado nas informações da Revista Exame colocadas acima. Diante da repercussão, a temática envolveu diferentes atores que se posicionaram no debate, seja para alertar e/ou esclarecer sobre o tema, movimento que recebe destaque de Weber:

Os temas de interesse público (próprios da democracia) que marcam as relações e diálogos são abordados por instituições, públicos em redes e cidadãos capazes de determinar linhas de tensões públicas e privadas, em disputa na esfera de visibilidade pública. [...] Muitas são as possibilidades de que um tema se transforme em debate público (2017, p. 42).

São os atores do debate e as perspectivas abordadas, identificados a partir de notícias publicadas em 2019, que procuramos abordar na sequência. Entendemos que a comunicação pública é norteadas por “temas de interesse público com potência para aglutinar grupos, públicos e instituições, de modo organizado – a sociedade organizada, ou espontaneamente, em redes de comunicação pública” (WEBER, 2017, p. 24). Portanto, consideramos o caso da morte de abelhas por agrotóxicos como um tema de interesse público com este potencial. Assim como Weber (2017), entendemos que ao pensarmos no interesse público, precisamos refletir sobre os debates, a circulação e discursos em torno do tema, quais os atores envolvidos e as diferentes abordagens. Para tanto, selecionamos treze matérias, que abordaram direta ou indiretamente o tema sobre a morte de abelhas por agrotóxicos, publicadas em sites de jornais e revistas em 2019. Para seleção dos veículos para pesquisa do assunto, nos baseamos em dados divulgados pela revista “Meio & Mensagem”, com fonte do Instituto Verificador de Circulação. Dessa forma, selecionamos os cinco principais jornais e revistas em circulação, sendo consultados os sites dos jornais Folha de São Paulo, O Globo, O Estado de São Paulo, Super Notícia e Zero Hora, e das revistas Veja, Época, Caras, Carta Capital e Exame. Foram consideradas as matérias com acesso aberto. Para seleção das notícias, foi realizada uma busca nos sites pelo tema “morte

de abelhas”, sendo selecionadas todas as matérias encontradas com esta referência no texto divulgadas no ano de 2019, conforme o quadro 1.

Quadro 1: número de matérias por veículo

| JORNAL | QUANTIDADE MATÉRIAS | REVISTA | QUANTIDADE MATÉRIAS |
|-----------------------|---------------------|---------------|---------------------|
| Folha de São Paulo | 3 | Veja | Sem acesso |
| O Globo | 1 | Época | 1 |
| O Estado de São Paulo | 1 | Caras | 0 |
| Super Notícia | 0 | Carta Capital | 1 |
| Zero Hora | 4 | Exame | 2 |

Fonte: elaborado por Andrea Vilardo.

Após seleção das matérias, realizamos primeiramente uma exploração do material para compreender o assunto e sua importância. Em um segundo momento, nos atentamos aos atores acionados como fonte para esclarecimento. Por fim, nos concentramos em trechos que elucidassem as perspectivas abordadas: “Os debates sobre temas de interesse público, sobre questões sensíveis, polêmicas, morais, vitais, políticas e econômicas, são constitutivos da comunicação pública” (WEBER, 2017, p. 44). Assim, ao compreendermos o debate sobre a morte de abelhas buscamos também entender a comunicação pública acerca do tema.

Cada matéria traz uma perspectiva diferente e foram publicadas em datas distintas, até mesmo distante do período em que a morte das abelhas ocorreu nos referidos estados. Das treze matérias encontradas com a referência “morte de abelhas”, oito abordaram diretamente a temática, em quatro o foco foi o aumento da liberação de agrotóxicos e/ou nos danos que podem causar (sendo um dos danos a morte de abelhas) e uma sobre apicultura urbana em Berlim. As mortes das abelhas ocorreram principalmente entre outubro de 2018 e março de 2019 (Quadro 2), no entanto, a temática voltou a destacar-se com o aumento na liberação de agrotóxicos no meio de 2019 e com o laudo que comprovou a morte das abelhas por estes agentes químicos.

Quadro 2: relação de matérias encontradas.

| TÍTULO DA MATÉRIA | VEÍCULO | DATA DA PUBLICAÇÃO |
|---|-----------------------|--------------------|
| Apicultores buscam resposta para morte de 400 milhões de abelhas no RS | Zero Hora | 25/01/2019 |
| Glifosato: mitos e verdades sobre um dos agrotóxicos mais usados no mundo | Folha de São Paulo | 23/02/2019 |
| Meio bilhão de abelhas morreram no Brasil - e isso é uma péssima notícia | Exame | 16/03/2019 |
| Morte de milhares de abelhas em município da região central é tratada como crime ambiental pela polícia | Zero Hora | 02/04/2019 |
| De abelhas a trabalhadores: o ciclo de morte gerado pelos agrotóxicos | Carta Capital | 02/07/2019 |
| Laudo aponta que agrotóxicos causaram morte a milhões de abelhas | Folha de São Paulo | 24/07/2019 |
| Laudo mostra que agrotóxicos causaram morte de milhões de abelhas no RS | Zero Hora | 24/07/2019 |
| Agrotóxicos causaram morte de abelhas em 27 municípios do RS | Zero Hora | 09/08/2019 |
| Colmeia na varanda: com apicultura urbana na moda, Berlim sofre com enxames | O Globo | 12/08/2019 |
| Com liberação de mais agrotóxicos, apicultores temem extermínio de abelhas | Exame | 24/08/2019 |
| Alemanha quer banir o glifosato até 2023 | Folha de São Paulo | 04/09/2019 |
| O agrotóxico que matou 50 milhões de abelhas em Santa Catarina em um só mês | Revista Época | 18/09/2019 |
| O compliance chega ao campo | O Estado de São Paulo | 22/09/2019 |

Fonte: elaborado por Andrea Vilardo.

Foram identificados 66 diferentes atores da sociedade nas matérias, de diversas instâncias, que tiveram envolvimento com a questão em maior ou menor grau. No entanto, considerando as organizações que foram mencionadas por mais de um dos veículos relacionados, destacam-se: Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa), Apicultores de Cruz Alta (Apicruz), Basf, Bayer, Colmeia Viva, Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa), Organização das Nações Unidas para Alimentação e Agricultura (FAO), Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (Ibama), Ministério da Agricultura, Ministério do Meio Ambiente, Ministério Público, Polícia Ambiental, Secretarias de Agricultura, Sindicato Nacional da Indústria de Produtos para Defesa Vegetal (Sindiveg), além de diversas universidades e outras empresas de agroquímicos.

Chama a atenção o expressivo número de organizações que foram acionadas para esclarecer o tema, seja para consulta a dados divulgados, seja como fonte de informação para a matéria ou porque participam ativamente da questão. Os veículos utilizaram fontes diferentes para esclarecimento do caso. No entanto, com exceção da notícia intitulada “Alemanha quer banir o glifosato até 2023”, todas as outras se apoiaram em informações de alguma universidade, sendo a Universidade de São Paulo (USP), a Universidade Federal de Rio Grande (FURG) e a Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) as mais procuradas pelos veículos de imprensa.

Os atores acionados são principalmente da área ambiental e do setor agropecuário e, em sua maioria, as organizações são da ordem pública, tais como Ministérios, Embrapa, Ibama, Anvisa, secretarias estaduais de agricultura e universidades. No entanto, as matérias não apresentam “a voz” destas instituições, com exceção das universidades e da Embrapa. As demais instituições são citadas na reportagem para contextualização do tema e/ou como fonte de dados. Esta questão fica evidente, por exemplo, nos trechos da matéria da Folha de São Paulo e Zero Hora (1), na reportagem da revista Exame (2), da revista Época (3) ou do jornal Zero Hora (4) (grifos nossos):

- (1) “Os testemunhos e perícias constam em uma representação entregue ao *Ministério Público Federal* (MPF) solicitando uma ação civil pública e uma ação penal”;
- (2) “Não existem números oficiais de mortes de abelhas no país, segundo o *Ibama*”;
- (3) “Nos últimos três anos, foram liberados 1.587 agrotóxicos no país. De acordo com a *Anvisa*, 40% destas substâncias estão classificadas como extremamente ou altamente tóxicas”;
- (4) “A suspeita é de que os vilões sejam os inseticidas com princípio ativo fipronil, que estariam sendo aplicados na soja durante a floração – período em que o uso desses

produtos é proibido por normativas conjuntas do *Ministério da Agricultura* e do *Ibama*”.

As “vozes” que aparecem nas matérias para elucidar o tema são de professores e pesquisadores de universidades públicas, da Embrapa, de apicultores, de entidades da área, ou então das empresas de agrotóxicos. No quadro abaixo, apresentamos a fala de alguns dos atores citados, que nos ajuda a compreender a temática (Quadro 3):

Quadro 3: citações das matérias

| VEÍCULOS | ATORES | TRECHO MATÉRIA |
|--------------------|--|--|
| Revista Exame | Embrapa | A estudiosa conta que até em lavouras que não são dependentes da ação direta dos polinizadores, a presença de abelhas aumenta a safra. “Na de soja, por exemplo, é identificado um aumento em 18% da produção. É importante destacar também o efeito em cadeia. As plantas precisam das abelhas para formar suas sementes e frutos, que são alimento de diversas aves, que por sua vez são a dieta alimentar de outros animais. A morte de abelhas afeta toda a cadeia alimentar”. |
| Carta Capital | Instituto de Química de São Carlos | “O efeito do pesticida pode ser letal, com morte em questão de horas, ou sub letal, com efeitos de longo prazo sobre a mobilidade, memória cognitiva, aprendizado, desenvolvimento larval, fertilidade da rainha, má formação das abelhas nascentes, entre outros efeitos”. |
| Folha de São Paulo | Universidade Federal do Rio Grande | “Quando compra os produtos, existem procedimentos que na teoria são muito bonitos. É como uma receita médica sobre quantidade e uso, deveria ter fiscalização da pulverização no avião. Mas estão misturando vários tipos de produtos e jogando do avião”, diz Antonio Philomena, professor aposentado da FURG. |
| Zero Hora | Associação de Apicultores de Cruz Alta | “O que está acontecendo é um massacre. Da metade de dezembro para cá, mais de mil colmeias morreram somente no município” - diz Salvador Gonçalves da Silva, presidente da Associação de Apicultores de Cruz Alta. |
| Revista Época | Basf | Segundo a Basf, diversas empresas fabricam e comercializam produtos à base de fipronil. “Se utilizados seguindo as boas práticas agrícolas e as recomendações da Basf na bula, entre elas a não aplicação foliar do inseticida, os produtos aprovados com o ingrediente ativo fipronil são seguros para os seres humanos e meio ambiente, incluindo polinizadores”. |
| Zero Hora | Colmeia Viva | Procurado pela reportagem sobre a mortandade no Rio Grande do Sul, o movimento afirma que “uma das principais causas da mortalidade de abelhas tem sido ainda a falta de comunicação entre agricultores e apicultores” para “definição em conjunto de locais seguros para implantação do apiário”. |

Fonte: elaborado por Andrea Vilardo.

Pelo quadro, podemos observar as disputas de opiniões. Enquanto a Embrapa, o Instituto de Química de São Carlos e a Universidade Federal de Rio Grande apresentam uma fala mais técnica, a Associação de Apicultores é mais categórica em sua colocação. Já a Basf e o movimento Colmeia Viva apresentam uma fala que consideramos como mais conciliadora.

Somente em uma matéria, publicada pelo jornal Zero Hora, foi retratado o posicionamento de um produtor rural, que considera que: “os defensivos agrícolas, assim como os remédios, têm recomendações técnicas que devem ser seguidas. E os produtores são os maiores interessados em preservar os polinizadores”. Geralmente em lados opostos, as matérias sobre o tema demonstram, em sua maioria, uma “concordância” entre os atores representantes

do setor ambiental e da agricultura para que se encontre uma solução que não prejudique a produção agrícola, mas que ao mesmo tempo preserve a vida das abelhas. Existe um entendimento da importância dos polinizadores não só para o ecossistema, mas também para a produtividade. A reportagem do jornal O Estado de São Paulo, destaca esta questão:

Dividir o mundo do campo entre produtores e ambientalistas, porém, é uma forma simplista de acirrar uma disputa em que todos saem perdendo. As consequências do mau uso de produtos agrotóxicos, como o tão comentado aumento de casos de morte das abelhas e insetos, em geral, é do essencial interesses dos produtores.

As matérias mais detalhadas foram publicadas pelos jornais Zero Hora, Folha de São de Paulo e pela revista Exame, que revelam informações importantes sobre caso. O Zero Hora, jornal do Rio Grande do Sul, estado com maior mortandade de abelhas, além de explicar o caso, relata que muitos apicultores não informam a morte de abelhas para a Secretaria de Agricultura, pois as colmeias ficam em propriedades de soja e por fazerem acordo com os proprietários, que ficam com porcentagem do mel e são beneficiados pela ação das abelhas na propriedade. Em matéria específica sobre o glifosato, a Folha de São Paulo destina espaço para apresentar um estudo que retrata como o glifosato afeta as abelhas. Já a Revista Exame, publicou matéria que demonstra a preocupação de apicultores à liberação de agrotóxicos, explica sobre o uso do produto, a função do Ibama e relata que as empresas Basf e Nufarm concordaram em suspender os agrotóxicos a base de fipronil. Ainda nesta matéria, divulga a criação da Frente Parlamentar Mista da Apicultura e da Meliponicultura, com deputados que também são membros da Frente Parlamentar da Agricultura. Nesta reportagem fica evidente a importância do tema na esfera pública e a necessidade de esclarecimentos por parte da esfera federal, o que se destaca nos trechos a seguir:

- (1) "Enquanto o processo de avaliação dos agrotóxicos apontados como os vilões das abelhas segue em andamento na esfera federal, há pressão nos demais poderes e da sociedade civil";
- (2) "[...] a repercussão da denúncia chamou a atenção para o problema. Em maio, o Greenpeace lançou o #SalveAsAbelhas, um abaixo assinado contra o extermínio de polinizadores por uso de agrotóxicos, foram 10 mil assinaturas de apoio em uma semana".

Apesar do número de matérias publicadas nos sites dos principais jornais e revistas do Brasil em 2019 não ser expressivo, o conteúdo é bem elaborado, com riqueza de detalhes. As informações apresentadas sobre o caso demonstram a necessidade de considerá-lo como um

tema de interesse público, devido a sua importância para o meio ambiente e à produção agrícola. Assim, por ser um tema sensível, deve ser debatido na esfera pública, sendo a mídia um canal de mediação deste debate.

4 Considerações

A morte de abelhas por agrotóxicos não é um acontecimento, ou seja, algo que ocorre de maneira inesperada. A morte destes polinizadores é um fato que necessita ser pensado e discutido, uma temática sensível e cara para a sociedade, em especial produtores e ambientalistas. Por isso, é um tema de interesse público, que precisa de visibilidade e de ações de diversas instâncias para que a questão seja solucionada: organizações de pesquisa, universidades, governo, organizações não governamentais, produtores rurais, apicultores etc. Movimenta, então, diversos públicos e a opinião pública.

Justamente por ser um tema complexo, podemos considerá-lo como uma questão de comunicação pública. E, por ser de interesse público, a morte de abelhas por agrotóxicos é também um tema político que está sendo discutido na esfera pública, por isso, envolve tantos agentes da ordem governamental e também da esfera privada, tais como Ministérios, polícia, Embrapa, universidades, Ibama, empresas de agroquímicos e etc.

É possível perceber pelas matérias a movimentação e organização da sociedade para solução da questão e, ao buscarem encontrar soluções, consideramos que os atores envolvidos exercem a comunicação pública, ao entendê-la como um campo de negociação pública para se chegar a decisões democráticas. Entendemos, assim, que as organizações, ao se relacionarem com a sociedade, assumem uma dimensão pública, tornam-se responsáveis por seus atos e passam a se situar como entes públicos (ESCUADERO, 2015).

A temática conseguiu mobilizar principalmente a comunicação midiática pois, além dos jornais e revistas (objeto deste estudo), o assunto também foi debatido em outros veículos como portais de notícia e noticiários na TV. O tema ainda despertou a comunicação de instituições do estado e da sociedade, e vem exigindo posicionamento e tomadas de decisão.

Os apicultores, ao se organizarem para entrar com ação no Ministério Público, transformaram-se em um grupo engajado, com interesses em comum, envolvidos com uma determinada questão (a morte das abelhas) e com poder de transformação social. Devido ao debate gerado em torno do tema e mobilização da opinião pública, deputados criaram uma Frente Parlamentar Mista da Apicultura e da Meliponicultura para discussão e defesa do assunto na Câmara Federal.

Consideramos que o debate em torno da morte das abelhas por agrotóxico acionou a dimensão crítica da comunicação pública (WEBER, 2017), uma vez que contou com contribuição de diversos atores envolvidos na questão e por considerarmos que o interesse público está se sobressaindo em relação aos interesses privados. O tema é debatido em diversos momentos e ainda não existe uma solução definitiva, por isso, podemos considerá-lo como uma questão latente, que pode ganhar visibilidade a qualquer momento, seja pelo surgimento de um novo fato, pela resolução da temática ou mesmo novos casos de morte de abelhas ocasionados por agrotóxicos.

Referências

Alemanha quer banir glifosato até 2023. Folha de São Paulo, São Paulo, 04 de setembro de 2019. Disponível em: <www1.folha.uol.com.br/ambiente/2019/09/alemanha-quer-banir-o-glifosato-ate-2023.shtml>. Acesso em: 18/02/2020.

BOEIRA, Amanda. **Morte de milhares de abelhas em município da região central é tratada como crime ambiental pela polícia.** Zero Hora, Porto Alegre, 02 de abril de 2019. Disponível em: <gauchazh.clicrbs.com.br/economia/campo-e-lavoura/noticia/2019/04/morte-de-milhares-de-abelhas-em-municipio-da-regiao-central-e-tratada-como-crime-ambiental-pela-policia-cjtzupwwx002i01mwh2ixfd60.html>. Acesso em: 18/02/2020.

COLUSSI, Joana. KERVALT, Marcelo. **Apicultores buscam resposta para morte de 400 milhões de abelhas no RS.** Zero Hora, Porto Alegre, 25 de janeiro de 2019. Disponível em: <gauchazh.clicrbs.com.br/economia/campo-e-lavoura/noticia/2019/01/apicultores-buscam-respostas-para-morte-de-400-milhoes-de-abelhas-no-rs-cjrb3d73z00ee01q9wskn5sa8.html>. Acesso em: 18/02/2020.

COLUSSI, Joana. **Agrotóxicos causaram morte de abelhas em 27 municípios do RS.** Zero Hora, Porto Alegre, 09 de agosto de 2019. Disponível em: <gauchazh.clicrbs.com.br/economia/campo-e-lavoura/noticia/2019/08/agrotoxicos-causaram-morte-de-abelhas-em-27-municipios-do-rs-cjz34x3eg00pa01qmo1fenwci.html>. Acesso em: 18/02/2020.

DUARTE, Jorge; VERAS, Lucia (org). **Glossário de comunicação pública.** Brasília: Ed. Casa das Musas, 2006.

EMBRAPA. Notícias. In: **site Embrapa.** Disponível em: <www.embrapa.br/noticias>. Acesso em 17 de fevereiro de 2020.

ESCUADERO, Regina. **Comunicação pública – a voz do cidadão na esfera pública:** construindo um novo paradigma profissional. Curitiba: Appris, 2015.

ESTEVES, J.P. **Sociologia da Comunicação.** Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 201

GOMES, Wilson. S.; MAIA, Rousiley.C.M. **Comunicação e Democracia: Problemas e Perspectivas.** São Paulo: Paulus, 2008.

GRIGORI, Pedro. **Com liberação de mais agrotóxicos, apicultores temem extermínio de abelhas.** Exame, 24 de agosto de 2019. Disponível em: <exame.abril.com.br/brasil/com-liberacao-de-mais-agrotoxicos-apicultores-temem-exterminio-de-abelhas/>. Acesso em: 18/02/2020.

GRIGORI, Pedro. **Meio bilhão de abelhas morreram no Brasil - e isso é uma péssima notícia.** Exame, 16 de março de 2019. Disponível em: <exame.abril.com.br/brasil/meio-bilhao-de-abelhas-morreram-no-brasil-e-isso-e-uma-pessima-noticia/>. Acesso em: 18/02/2020.

GALVANI, Giovana. **De abelhas a trabalhadores: o ciclo de mortes gerado pelos agrotóxicos.** Carta Capital, 02 de julho de 2019. Disponível em: <www.cartacapital.com.br/sociedade/de-abelhas-a-trabalhadores-o-ciclo-de-morte-gerado-pelos-agrotoxicos/>. Acesso em: 18/02/2020.

HARDT.M.; NEGRI, A. **Multidão: Guerra e democracia na era do Império: Guerra e democracia na era do Império.** Rio de Janeiro. Editora Record, 2005.

NOCELLI, R. C. F. et al. **Riscos de Pesticidas sobre as Abelhas.** In. Semana dos Polinizadores, 3, 2012, Petrolina Anais. Palestras e resumos: Embrapa Semiárido. Disponível em: <<https://ainfo.cnptia.embrapa.br/digital/bitstream/item/69299/1/Roberta.pdf>>. Acesso: 17/02/2020.

MORI, Letícia. **Glifosato: mitos e verdade sobre um dos agrotóxicos mais usados no mundo.** Folha de São Paulo, São Paulo, 22 de fevereiro de 2019. Disponível em: <www1.folha.uol.com.br/ambiente/2019/02/glifosato-mitos-e-verdades-sobre-um-dos-agrotoxicos-mais-usados-do-mundo.shtml>. Acesso em: 18/02/2020

SACCHITIELLO, Bárbara. **Revistas semanais recuperam audiência no digital.** Meio & Mensagem, 11 de março de 2019. Disponível em:<www.meioemensagem.com.br/home/midia/2019/03/11/revistas-semanais-recuperam-audiencia-no-digital.html>. Acesso em: 20/02/2020.

SACCHITIELLO, Bárbara. **Circulação dos maiores jornais do País cresce em 2019.** Meio & Mensagem, 21 de janeiro de 2020. Disponível em:<www.meioemensagem.com.br/home/midia/2020/01/21/circulacao-dos-maiores-jornais-do-pais-cresce-em-2019.html>. Acesso em: 20/02/2020.

SCHUETEZE, C.F e KARASZ, P. **Colmeia na varanda: com a apicultura urbana na moda, Berlim sofre com enxames.** O Globo, Rio de Janeiro, 12 de agosto de 2019. Disponível em: <oglobo.globo.com/sociedade/colmeia-na-varanda-com-apicultura-urbana-na-moda-berlim-sofre-com-enxames-23870515>. Acesso em: 18/02/2020.

SIMÕES, Pedro. **O compliance chega ao campo.** O Estado de São Paulo, São Paulo, 22 de setembro de 2019. Disponível em: <politica.estadao.com.br/blogs/fausto-macedo/o-compliance-chega-ao-campo/>. Acesso em: 18/02/2020.

SPERB, Paula. **Lauda mostra que agrotóxicos causaram mortes de milhões de abelhas.** Folha de São Paulo, São Paulo, 24 de julho de 2019. Disponível em: <www1.folha.uol.com.br/ambiente/2019/07/laudo-mostra-que-agrotoxicos-causaram-morte-de-milhoes-de-abelhas.shtml>. Acesso em: 18/02/2020.

SPERB, Paula. **Lauda mostra que agrotóxicos causaram morte de milhões de abelhas no RS.** Zero Hora, Porto Alegre, 24 de julho de 2019. Disponível em: <gauchazh.clicrbs.com.br/economia/campo-e-lavoura/noticia/2019/07/laudo-mostra-que-agrotoxicos-causaram-morte-de-milhoes-de-abelhas-no-rs-cjyhei8yp008701k0q6pdxkpm.html>. Acesso em: 18/02/2020.

TORRES, Aline. **O agrotóxico que matou 50 milhões de abelhas em Santa Catarina em um só mês.** Época, 17 de setembro de 2019. Disponível em: <<https://epoca.globo.com/o-agrotoxico-que-matou-50-milhoes-de-abelhas-em-santa-catarina-em-um-so-mes-23954551>>. Acesso em: 18/02/2020.



WEBER, Maria H; COELHO, Marja; LOCATELLI, Carlos (org). **Comunicação Pública e Política – pesquisa e práticas**. Florianópolis: Insular, 2017.